

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



denominação
Fazenda de Santa Maria do Rio Grande

código
AVI - FO1 - TM

localização
Próxima à Pequena Central Hidroelétrica Santa Rosa

município
Trajano de Morais

época de construção
século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
residencial / fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

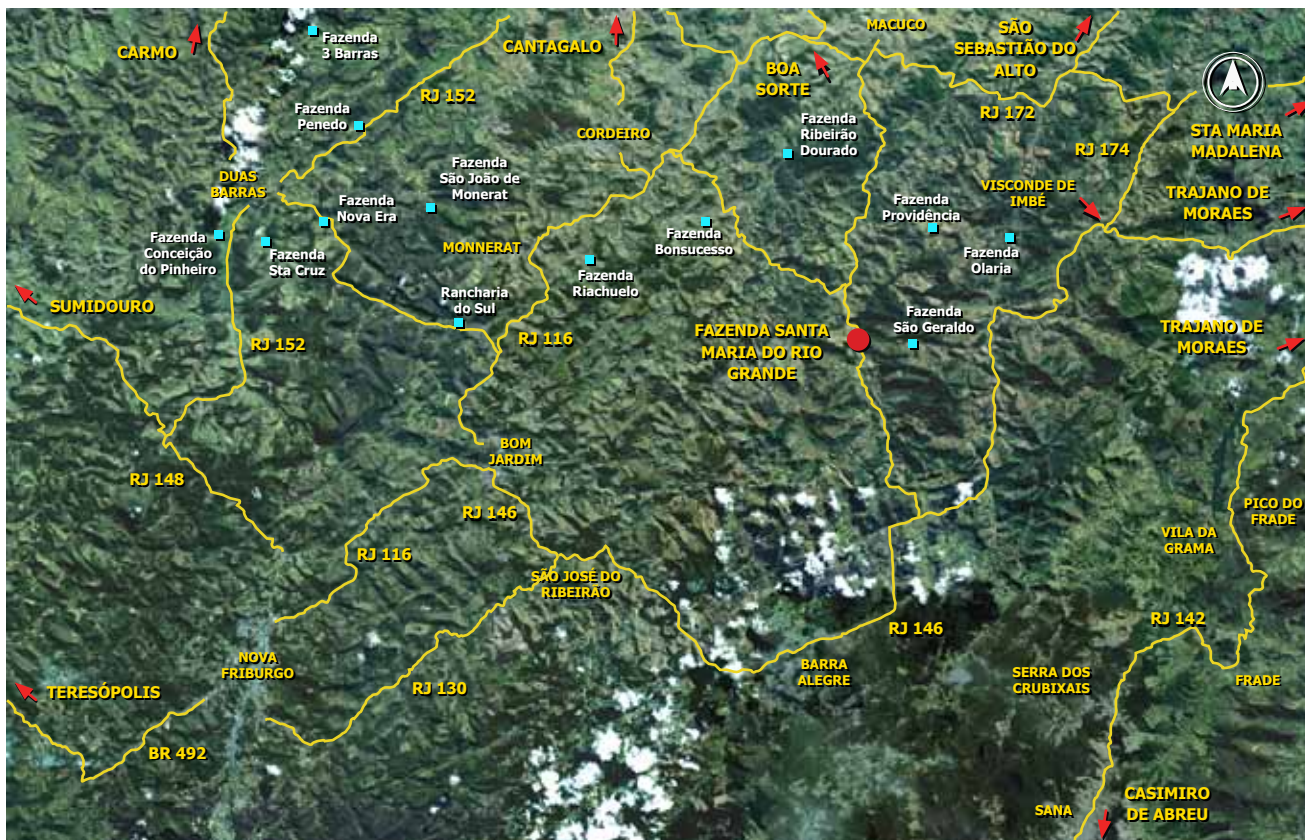
proprietário
particular



Fazenda de Santa Maria do Rio Grande, casa-sede

coordenador / data
Alberto Taveira – mar 2010
equipe
Alberto Taveira e Michelly Alves de Oliveira
histórico
Roberto Grey
Desenho
Amauri Lopes Jr.

revisão / data
Thalita Fonseca – jun 2010



situação



ambiência

A descrição do acesso à fazenda caracteriza o seu distanciamento dos atuais centros urbanos. Tomando como ponto de partida a cidade de Nova Friburgo, segue-se pela RJ-116 rumo ao município de Cordeiro, onde, após a entrada para a localidade, tem início, no km 125, uma estrada de terra de aclives e declives que passa pela PCH Santa Rosa II – Segunda Pequena Central Hidroelétrica Santa Rosa. Após 10,5 km nessa direção, encontra-se uma ponte de concreto com guarda-corpo em tubos de ferro pintados, ponto de referência que sinaliza que se deve dobrar à esquerda na primeira bifurcação, e 2 km após, à direita na segunda confluência (ponte sobre o Rio Grande). Dobra-se, então, novamente à direita, percorrendo mais 2,5 km até a bifurcação seguinte, onde se escolhe outra vez o caminho à esquerda – após cerca de 400 m, atinge-se, finalmente, o espaço ocupado pela Fazenda Santa Maria do Rio Grande.

Domina a paisagem o Rio Grande (f01), exibindo, na margem em que está implantada a fazenda, uma maior exuberância arbórea e de relevo (f02), com trechos fechados de mata e alguns morrotes. Na margem oposta, observam-se grandes áreas descampadas.

À esquerda da estrada de acesso, localiza-se o antigo cemitério da fazenda (f03), onde estão sepultados o barão e a baronesa das Duas Barras, além de membros dessa família.



01



02



03

À direita, cerca de 100 m adiante, chega-se, após uma pinguela (f04), ao antigo armazém (f05) e ao muro em pedra (f06) que delimita a fazenda e que aponta para dois acessos: um principal e outro de serviço (f07 e f08). De seus elementos formadores originais¹, a fazenda mantém, atualmente, apenas a casa-sede, já um tanto alterada, e os antigos terreiros de secagem de café (f09), que se estendem à frente e à esquerda da casa, limitados pela característica aleia de palmeiras imperiais, as quais marcam o acesso principal (f10).



04



05

¹ O chamado “quadrilátero funcional”, composto, em tese, pela casa de morada ou sede (com capela interna ou em construção própria), terreiro de secagem de café, tulhas, engenho e senzala, fechando um espaço restrito e contíguo, à vista do proprietário, pois o “olho do dono engorda o gado”, ou, no caso, enche as arrobas de café.



06



07



08



09

Ladeando a casa-sede, existem, à esquerda, três construções mais recentes: uma capela (f11), uma pequena casa cujo interesse reside em sua miniaturizada água furtada (f12) e um estúdio ainda em obras (f13). Há ainda um pequeno e singelo depósito nos fundos da propriedade (f14). Na área à direita da residência, há um muro de arrimo em pedra que define o jardim superior (dito “da baronesa”), e um pomar em que se destacam as lichieiras (f15).



10



11



12



13



14



15

A casa-sede da Fazenda Santa Maria do Rio Grande apresenta uma conformação arquitetônica muito recorrente no conjunto de fazendas de café do Vale do Rio Grande, à semelhança do padrão tradicional estabelecido na região do médio vale paraibano (f16), com um partido de organização da implantação bem conservador: dois pavimentos em sua fachada principal e apenas um na fachada posterior.

Compreende uma planta que se desenvolve a partir de dois corpos distintos, com formatos em “L” reversos, que se conjugam para compor os dois setores: social e íntimo (“L” maior) e de serviços (“L” menor).

Assim, tem-se uma fachada principal com linhas de força muito bem marcadas por pedra (cunhais, embasamento e entre pavimentos), mantendo nove vãos de verga reta e cercaduras em madeira em ambos os andares (f17).

No térreo, há oito janelas com esquadrias duplas: as externas, com duas folhas em venezianas de madeira pintadas em azul colonial, e as internas, com guilhotinas em caixilhos de vidro tintas de branco.

Excêntrico a estas, pela direita, a porta de entrada principal mantém, diversamente dos vãos de janelas, verga em arco abatido do tipo canga de boi, com cercadura em pedra, sendo alcançada por dois degraus também em pedra e ladeado por duas arandelas metálicas. No andar superior, nove janelas como as descritas para o pavimento inferior seguem a mesma modulação e alinhamento. Finaliza a composição cimalha com friso simples e beiral modificado, que agrega – como elemento decorativo – cachorros estilizados, sem proporção. As demais fachadas do corpo principal da sede exibem a mesma tipologia, com algumas simplificações – supressão do embasamento em pedra e mudanças de partido formal ditadas pelas especificidades funcionais internas executadas em reforma de meados do século XX (f18 e f19).

Dois elementos deste corpo principal merecem menção: o passadiço entre a casa-sede e a capela (f20 e f21), e a varanda na fachada lateral direita. Esta última possui pilares em pedra com fustes tronco-piramidais lisos e base e capitéis dóricos que suportam a laje, numa clara demonstração das alterações pelas quais passou a casa (f22).



16



17



18



19



20



21



22

Esse espaço avarandado está voltado para o “jardim da baronesa”, área atualmente apenas gramada, onde existe o remanescente de um repuxo, que outrora deveria ser, naturalmente, mais exuberante (f23). O passadiço – interligando o setor íntimo no segundo pavimento da residência com a tribuna do templo – também é extemporâneo à casa (f24 e f25).

No corpo secundário, as fachadas mantêm simplicidade ainda maior, inclusive no que tange às esquadrias (f26 e f27). No canto do “L” menor, correspondente à área de serviço aberta, um alpendre vedado por mureta recebe uma porta vai e vem que diverge do conjunto (f28).

Os telhados, tanto do corpo principal (“L” maior) quanto do corpo secundário (“L” menor), possuem recobrimento de telhas capa e canal do tipo colonial, tendo ao todo 11 águas. Internamente, como acontece na grande maioria das fazendas de café, a distribuição dos cômodos da casa tem seu programa ditado pelo acesso de serviço, ao fundo. Entretanto, a entrada principal – fruto de modificação do século XX – é feita a partir do porão/pavimento térreo, voltado para a fachada principal da sede.

Essa portada se abre para um grande salão (f29).



23



24



25



26



27



28



29

Ao fundo desse salão, no lado oposto à entrada, localiza-se uma lareira (f30), e na extrema direita, um pequeno depósito, também com acesso externo. Nesta mesma fachada lateral direita, abre-se outra portada que permite a comunicação com o jardim (f31). À esquerda da lareira, um *hall* com a bem iluminada e não original escada em pedra com guarda-corpo em madeira leva ao pavimento superior (f32, f33, f34 e f35). Cruzando esse *hall*, há ainda, no térreo, uma pequena circulação que distribui o fluxo para dois quartos e um banheiro (f36 a f38).

No segundo pavimento, a circulação junto à escada (f39), leva, à esquerda, ao conjunto de três quartos e um banheiro, além do acesso ao passadiço para a capela externa (f40 a f42).



30



31



32



33



34



35



36



37



38



39



40

À direita, uma sala de estar (f43), para a qual se volta um quarto com banheiro, e uma sala de jantar contígua (f44), através da qual se tem acesso à varanda (f45) e a uma circulação com despensa, que, por sua vez, direciona para dois quartos com um banheiro (f46 a f48) e para copa/cozinha. Após a copa/cozinha, chega-se a uma circulação aberta para onde se voltam as demais instalações de serviço – lavanderia, banheiro, área de serviço e uma pequena unidade para alojamento de empregados, contando com saleta, copa, cozinha e dois quartos.



41



42



43



44



45



46



47



48

Como curiosidades, estão presentes junto à porta de acesso principal da casa-sede dois marcos em pedra com a identificação dos limites de sesmaria de duas das fazendas do barão das Duas Barras, João Antônio de Moraes: o desta fazenda de Santa Maria do Rio Grande, com a inscrição em baixo-relevo BDB F RG – Barão das Duas Barras, Fazenda Rio Grande – e o da vizinha, São Lourenço, onde se lê V SL – Visconde de São Lourenço (f49 e f50).

Outra interessante curiosidade é a história contada pelo proprietário e descendente do barão, Sr. Roberto Grey (escritor e tradutor), de que esse determinou em testamento que a exuberante figueira centenária (f51) que havia em suas terras à época, hoje pertencente à outra propriedade, deveria ser cortada e transformada em cangalhas de burro para adornar seus descendentes, caso estes não soubessem manter e aumentar o patrimônio de 22 fazendas por ele constituído com tanto trabalho e esforço.



49



50



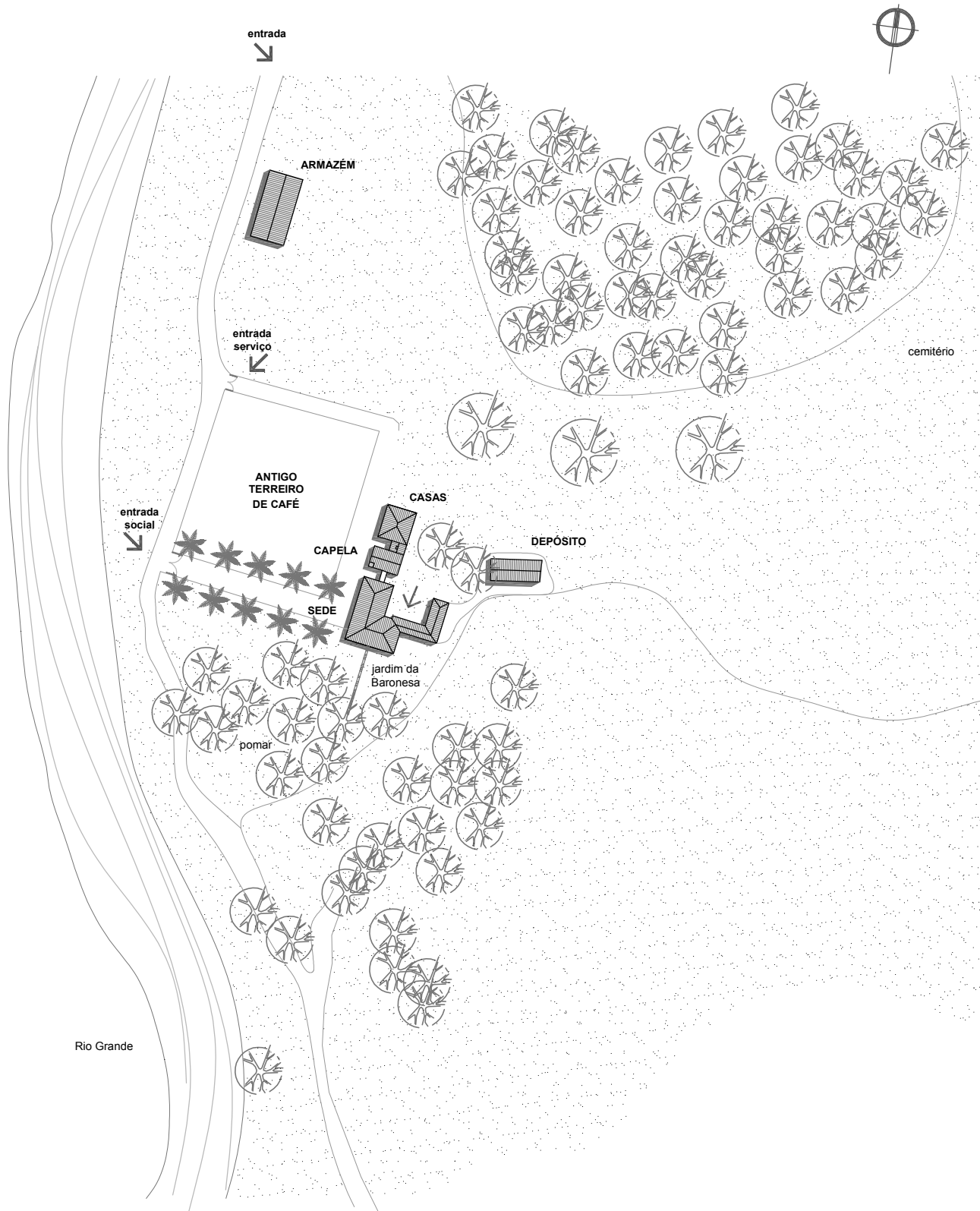
51

A casa-sede da Fazenda Santa Maria do Rio Grande foi bastante alterada ao longo do tempo, tendo sido substituído seu arcabouço construtivo, com a taipa de mão cedendo lugar a tijolos maciços. Apresenta atualmente regular estado de conservação e não se evidenciaram graves problemas de infiltração nos forros, trincas nas alvenarias ou ataque por cupins.

Os problemas observados foram pontuais, como a umidade ascendente presente nas alvenarias externas das fachadas laterais e de fundos (ver f17 e f19), e pontos de infiltração no segundo pavimento nos forros de alguns quartos (ver f41) e na laje da varanda (ver f45). Há ainda a necessidade de uma limpeza pontual nos elementos em pedra das fachadas principal e laterais (ver f17).

No passadiço entre casa-sede e capela, recomenda-se a proteção de sua estrutura inferior em madeira (ver f21), que está sem pintura, podendo sofrer o ataque de térmitas. No interior da sede, a fiação aparente, sobretudo no porão/pavimento térreo, é motivo de preocupação (ver f31).

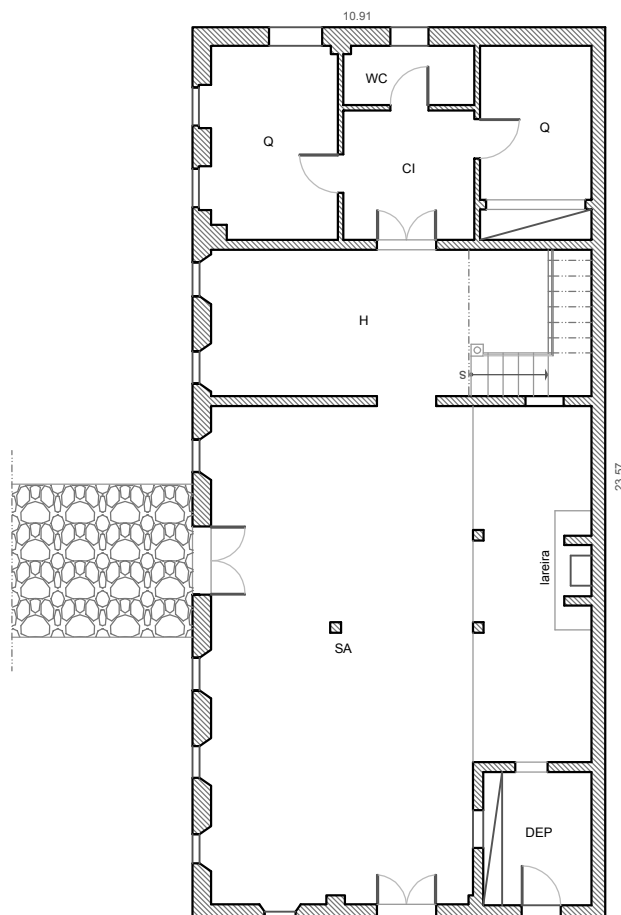
FAZENDA SANTA MARIA DO RIO GRANDE



1 Implantação
escala: 1/1250

0 5 10

FAZENDA SANTA MARIA DO RIO GRANDE



1

Planta da Sede - Porão

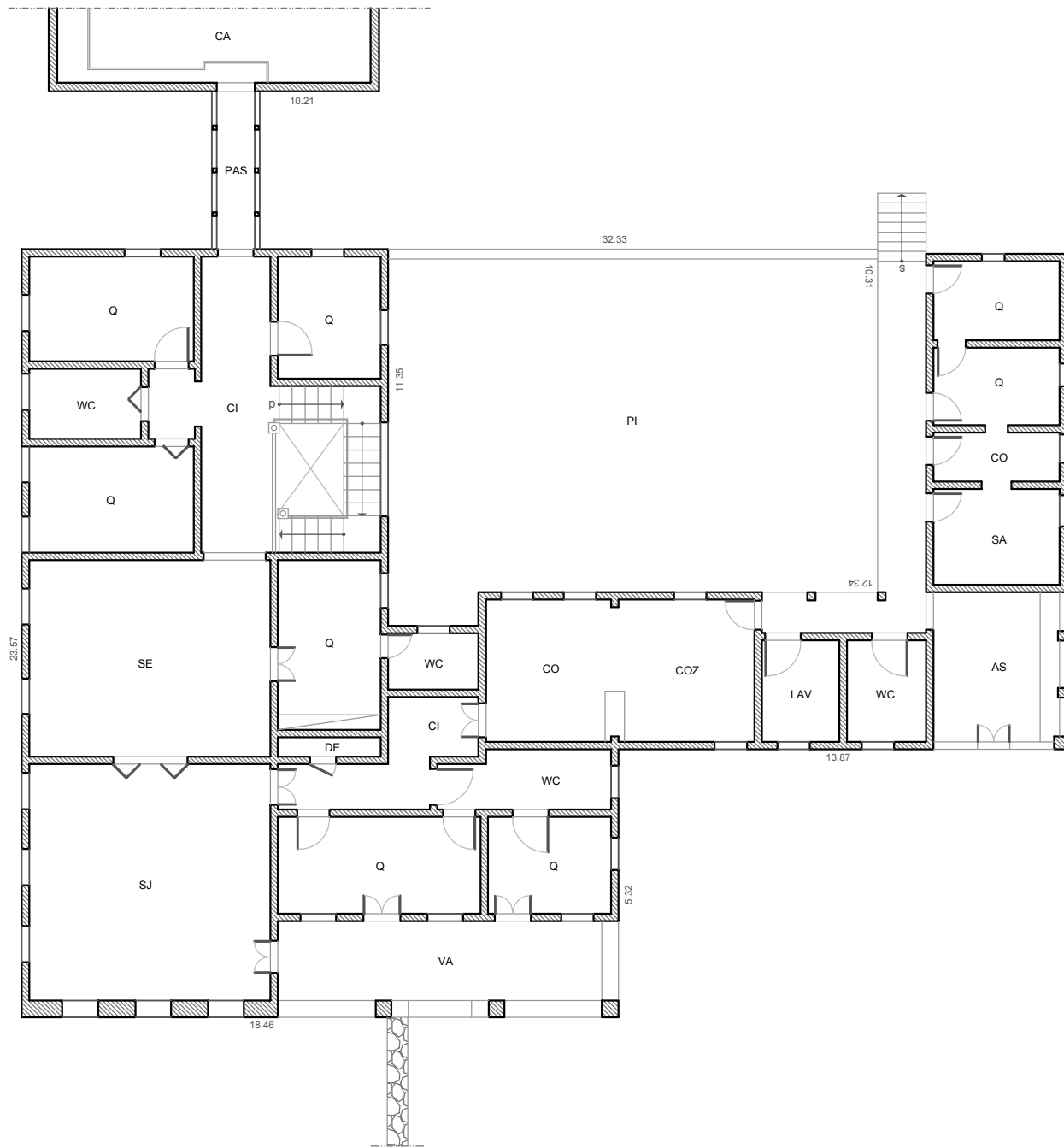
escala: 1/200



CI - circulação H - hall SA - sala de almoço
DEP - depósito Q - quarto WC - banheiro

▨ alvenaria existente
▤ alvenaria demolida

FAZENDA SANTA MARIA DO RIO GRANDE



1 Planta Baixa da Sede - 1º Pavto.
 escala: 1/200

AL - alcova	CI - circulação	DES - despensa	PI - pátio interno	SJ - sala de jantar	alvenaria existente
ÁS - área de serviço	CO - copa	LAV - lavanderia	Q - quarto	WC - banheiro	alvenaria demolida
CA - capela	COZ - cozinha	PAS - passadiço	SE - sala de estar	VA - varanda	

equipe: Alberto Taveira / Michelly de Oliveira	desenhista: Amauri Lopes Junior	revisão: Francyla Bousquet	data: mar 2010
---	------------------------------------	-------------------------------	-------------------

Em 1793, João Baptista Rodrigues Franco, mineiro de Sabará, capitão de ordenanças da Vila de Cantagalo, declarando ter “escravos e forças para povoar e estabelecer suas lavouras”, requereu ao vice-rei uma sesmaria à beira do Rio Grande, nos Sertões de Macacu, cujos únicos habitantes até então eram os índios goitacazes e coroados. Esta enorme região de mata ficara preservada pelas disposições régias que proibiam a circulação por ali, a fim de evitar o contrabando do ouro garimpado em Minas.

Depois do rápido esgotamento das jazidas de Cantagalo, exploradas de início clandestinamente por mineradores de Minas, a Coroa finalmente as conquistou e resolveu controlar a região, nomeando um administrador e instalando três “registros” de coleta de impostos e nove postos militares nos caminhos. A partir de então, passou a conceder sesmarias a quem tivesse condições de desbravá-las e cultivá-las, com o intuito de descobrir novas lavras e incrementar a produção agrícola, aumentando a arrecadação de riquezas pelos cofres reais.

A sesmaria era concedida, por um ano, do seguinte modo: o concessionário deveria medir, demarcar e cultivar suas terras, reformando a concessão a cada ano, enquanto não recebesse a Carta de Sesmaria do rei, o que, no caso em questão, somente se deu em setembro de 1812, em virtude de litígios com vizinhos por questões de limites.

Depois de seu casamento com Isabel Maria da Silva em 1791, no Rio de Janeiro, João Batista voltou a Cantagalo, onde administrou um empreendimento minerador, e, após a obtenção da sesmaria, resolveu se mudar para suas novas terras, batizadas Santa Maria do Rio Grande. O casal teve nove filhos.

Por volta de 1820, Basília se casou com Antônio Rodrigues de Moraes, residindo o casal em Santa Maria do Rio Grande. Em 1833, Antônio foi eleito vereador em Cantagalo, porém, no mesmo ano, morreu assassinado numa emboscada, crime que nunca foi desvendado.



Acervo do proprietário da fazenda (autoria e data desconhecidas)

Nessa época, Antônio já era o único dono da fazenda e Basília viu-se viúva, com trinta e poucos anos de idade e cinco filhos para criar. O irmão mais novo de Antônio, seu homônimo João Antônio de Moraes, de 23 anos, que já morava em Cantagalo, se casou com a cunhada, de quem havia se tornado protetor, em 1835, na Fazenda Santa Maria do Rio Grande. Beneficiado pelo patrimônio acumulado pelo seu falecido irmão, que desde 1826 mantinha uma sociedade com Antônio Clemente Pinto, futuro barão de Nova Friburgo, João Antônio haveria de iniciar sua extraordinária carreira de cafeicultor, que acabou lhe trazendo a posse de 22 fazendas com cerca de mil escravos e uma das grandes fortunas da época. Recebeu em 1867 o título de barão das Duas Barras.

Com a morte do barão em 1883 e Basília em 1884, a Fazenda Santa Maria do Rio Grande passou, conforme o testamento, para Felizarda, Elias, Joaquim, Amélia e seus descendentes. Os demais filhos do casal foram contemplados com outros bens. Ela permaneceu durante 50 anos indivisa e ocupada por seus herdeiros, conforme a última vontade do barão, até 1933, ano da morte de Amélia, sua última filha a morrer. Contava então com 17 proprietários.

Pouco tempo depois, uma das herdeiras e filha de Amélia, Brasília Ferreira de Moraes Grey e seu único filho, Jorge de Moraes Grey, famoso cirurgião e catedrático da Escola de Medicina, começaram um trabalho de reunificar a fazenda, negociando as partes dos demais herdeiros para começar a restaurar a sede, já então em péssimo estado.

Dos prédios originais, grande parte havia ruído: armazéns, engenho d'água, senzala, capela. O telhado da sede foi todo escorado para permitir a substituição do pau a pique das paredes por tijolos maciços fabricados ali mesmo na olaria da vizinha Fazenda de São Lourenço. Outra capela e armazém foram reerguidos ao lado da sede, onde antes havia uma única e enorme construção, utilizando a madeira e telhas remanescentes.

Hoje, passados cerca de 200 anos e cinco gerações, a Fazenda Santa Maria do Rio Grande continua na mesma família que, em 1793, requereu a sesmaria nos Sertões de Macabu (f52).

Bibliografia:

RAMOS, Lécio Augusto. *A História de São Sebastião do Alto 1786-1991, A Mesopotâmia Fluminense*. editado pela Prefeitura de São Sebastião do Alto, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. *História de Família: Casamentos, Alianças e Fortunas*. Léo Christiano Editorial, 2008.

Genealogia Fluminense, Cantagalo, no Google.

Livros de Registro Paroquial de Terras de 1855-56 do Município de Cantagallo, no Arquivo Estadual (internet).

Entrevista com Sr. Bento Luís Lisboa.